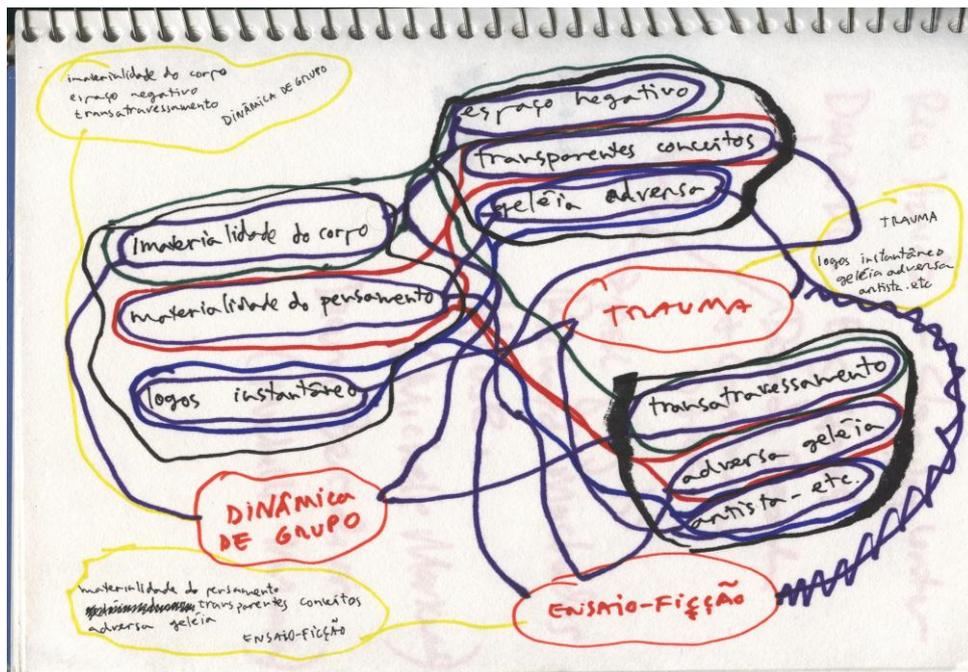


## geleia adversa//adversa geleia

Cecilia Cotrim

À primeira leitura da proposição plural – **Malditos!** – que orienta esta edição elaborada pelo poeta-performer Alexandre Sá, foram flechas disparadas para todos os lados. O processo do texto irá girar em torno desses traços, delineando um inventário, por múltiplas esferas... Partiremos de alguns **deflagramentos**, de reverberações de ideias, sentimentos... entre imagens, textos, fragmentos, percursos... E isso se dará aqui numa aproximação tentativa, que não vai em direção a uma suposta origem, ou resolução do problema, mas que busca uma demora no atravessamento, via a dupla de proposições: **geleia adversa e adversa geleia**, extraídas de diagramas de Ricardo Basbaum. A tentativa será abordar essa região móvel como uma operação que se daria entre várias instâncias dos projetos artísticos contemporâneos, testando seus limites: **Malditos!** como **experiências-limite**:



Ricardo Basbaum, *tríades (NBP)*, 2002

["bode de 'bode', e também como uma alusão à body art" – o bode preto de Antonio Manuel, exposto num tapume em pleno Parque do Flamengo... a *Goat's Head Soup*

dos Rolling Stones.... a *Sopa de letrinhas* vomitada, parte da poética de um corpo em estado dativo, exercitada pelo Grupo Empreza .... *Just Kids*, o livro de Patti Smith, com as memórias de um Soho underground..... o “**CALL ME HELLIUM** do Hendrix”, apelo de HO.... E, bem perto, outras experiências-limite: os lambe-lambe do *Atrocidades Maravilhosas*, os concertos de rua do *HAPAX*, com ferro velho e dispositivos eletrônicos, os vídeo-encontros da *Rede Aparelho* pelos meandros da Amazônia, as quarentenas do *Rés-do-chão*, e mais tantos trânsitos à margem que reverberam agora à distância, daqui do Rio mesmo: *Ogramurbana*, *Apocalipopótese*, *Opinião 65*, *Projeto Caju*, *Chamada telefônica*, *Mitos vadios*.... Totalmente *sopa de bode*, também a noite final do *Zona Franca*, quando a performatividade deflagrou incêndio e destruição, num lance visionário.... ou minha afinidade total, junto com o “entrevoir/croire entrevoir” de Beckett: **sub-self**:

**Gerar linhas Malditas!**: corpos que são pura intensidade: o ativismo selvagem de Valie Export, a força do contato, em Marina Abramovic, a brutal *carneoficina*, do Empreza, o limite arte/vida em Lygia Clark, a lebre sagrada em Joseph Beuys:

É isso que faz a lebre: encarnar-se fortemente dentro da terra, coisa que o homem só pode realizar radicalmente por meio de seu pensamento – esfregar, bater, cavar na matéria (terra); por fim penetra (a lebre) nas leis da terra. Nesse trabalho seu pensamento é aguçado e então transformado, tornando-se revolucionário.<sup>i</sup>

Maldita, excessiva, seria essa proximidade poética com as linhas de animalidade, a tonalidade afetiva se desenvolvendo entre empatia e sacrifício – como em grande parte dos *revoltés*. Esse estremecimento está inteiro na performance *ASEMIA – a incapacidade de exprimir-se através da mímica*, em que Valie Export joga com uma situação de imobilidade do corpo [mãos e pés retidos por uma fina camada de cera] na ação que inclui, logo em seu primeiro *step*, o sacrifício de um pequeno pássaro.



Werke

ASEMIE - die Unfähigkeit sich durch Mienenspiel ausdrücken zu können, 1973



### [uivos longínquos da cachorra loira x latidos recombinaados do cão-mulato.....

Entre distantes e próximas, as lembranças e referências fazem estremecer, desde a escuta do plural exclamado... como os urros de *Beijo* – partitura de rua do EmpreZa, que joga com uma situação de enlace entre dois corpos, num combate vibrante.



Grupo EmpreZa. *Beijo*. Açúcar Invertido, Metz. 2005

**...mas nada pode nivelar o insuperável q nem é amor nem contemplação nem aproximação: é simultâneo: nem sinto nem vejo: liquefaço o verbo o pensamento (q é pensar depois de liquefeitas as distinções?) no não-existir essencial: NIETZSCHE:<sup>ii</sup>**

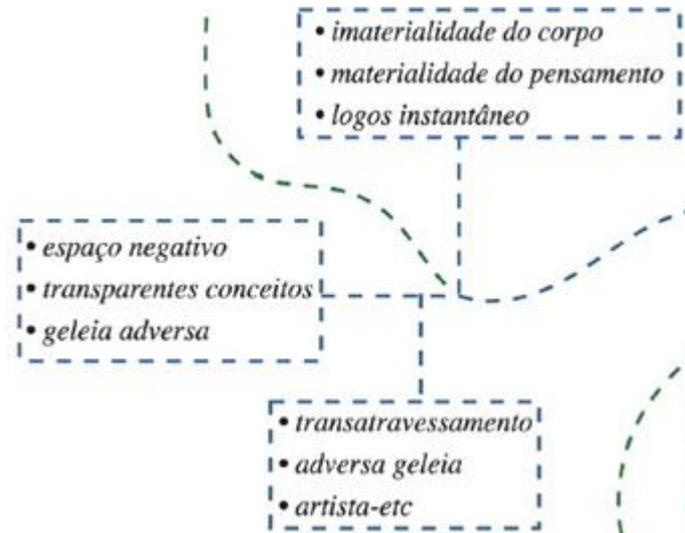
[[**Sub-self** – roleta russa programada por Luis Andrade, no Rés-do-chão..... Também maldito, o *P[h]oder Paralelo – P[h]P*: intervenções com grafite chulo na campanha eleitoral de rua, sobre cartazes, bandeirolas, out-doors, ou sobre o asfalto e *sob* a parada militar de 7 de setembro, na Presidente Vargas.... assim como outras ações coletivas de início dos 2000, no Centro do Rio: as dúzias de laranjas jogadas no asfalto, na *Esquina*, espaço inventado e curado por Ducha, ativado na hora do almoço das alvoroçadas sextas-feiras....., e, do mesmo artista, a radical intervenção na paisagem carioca, acompanhado de um grupo maior dessa vez, que tingiu de vermelho a estátua do Cristo Redentor.... e virou capa do jornal. Malditas são as performances faladas de Jarbas e Cabelo, arrastando-se pelas ruas de Copacabana sob o mesmo plástico negro que cobre os corpos dos mortos nas favelas, periferias, nas rodovias.... Malditos são os lances piratas na rede, criando confusão no circuito provinciano.

**[processo coletivo. convívio experimental.]** “Oh, psychodélie!” – escreve Gilles Deleuze. O texto será desdobrado de cada fagulha que se inscreve, se escreve... como uma espécie de indício, mas também como partitura de ação, gerando novas páginas. [Desejava algo como o trecho torrencial de Waly Salomão ao falar de HO em desvio com a bateria da Mangueira, pelas bordas do MAM, na *Opinião 65*:

O ‘Amigo da Onça’ apareceu para bagunçar o coreto: Hélio Oiticica, sófrego e ágil, com sua legião de hunos. Ele estava programado mas não daquela forma bárbara que chegou, trazendo não apenas seus parangolés, mas conduzindo um cortejo que mais parecia uma congada feérica com suas tendas, estandartes e capas. Que falta de boas maneiras! [...] Uma evidente atividade de subversão de valores e comportamentos. Barrados no baile. Impedidos de entrar. Hélio, bravo no revertério, disparava seu fornido arsenal de palavras: – Merda! Otários! Racismo! Crioulo não entra nesta porra! Etc., etc., etc...<sup>iii</sup>

Quero pensar numa colisão provocada aqui entre os anos rebeldes da contracultura e o início do terceiro milênio, os estranhos 2000, segundo o ritmo da montagem/sampleagem que Basbaum retomou em conversa recente, durante uma residência no Rio, destinada a desdobrar vocábulos e radicaixs.....

**geleia adversa=adversa geleia.** A dupla condensação, em estado de oposição=ativa, participa do contexto específico de um diagrama de Basbaum [*diagrama 04*, 2008]. Relacionam-se em tensão, entre as três tríades que aparecem a oeste do plano, vizinhas:



Parece que tais *tríades* marcam algumas referências importantes: **transatravessamento**, **adversa geleia**, **artista-etc** são termos que podem ser tomados como *condutores* para pensar toda uma sorte de estratégias artísticas contemporâneas. Ao lado das outras duas *tríades*, designam uma região complexa, que estamos atravessando. O diagrama põe em movimento – aí nessa região – diferentes momentos do circuito de arte carioca, deslocando e fazendo reverberar a tensão entre **Malditxs!** e provocando torsões críticas, ao articular refrões de HO e de Torquato/Gil/Pignatari<sup>iv</sup> [**Da adversidade vivemos**, e **Geleia Geral**].

A invasão da coluna de Torquato Neto, com “sobre orgramurbana [como uma carta para Oiticica]”, de Luis Otávio Pimentel, em dezembro de 1971, faz notar a urgência com que se instauram esses territórios provisórios. São situações subversivas que, semi-atoladas na negatividade, surpreendentemente prometem expansões, conexões, perturbações, gerando uma espécie de **poética maldita**, fazendo fugir as margens: **O Aterro, do saguão ao mar mais pensar agindo: Orgramurbana: a quase corporalidade da significação.**

Enfim, já totalmente envolvida pela expressão-plural, não me larga a imagem da caligrafia nervosa de HO, de ritmo hiperbólico, em seu cruzamento arte/vida: **cura=veneno**.<sup>v</sup> E assim, de novo atraída por essa escrita acelerada, volto a esses ambientes, aos cadernos digitalizados de HO, aos escritos de Torquato Neto, aos *cadernos-livros* de Barrio, aos livros e à tese de doutorado de Basbaum. Revejo vídeos... volto na memória.... às **Resistências. Malditxs!** Ainda retomando, e de novo vagando em torno e através do termo, testando sua espessura e seus links, suas labilidades, busco torná-lo

mais próximo, para que **respire comigo** [de modo parecido com o que acontece com a palavra **marginal** na bandeira de HO.... ou do modo como a conexão com **exu** torna-se potente, encarnada, quando Tata Kinamboji desenha a flecha com o padê nas pedras da rua medieval [na porta da galeria de arte],

Proponho aqui enfim o mergulho em uma proposição que de tão ramificada tende a tornar-se vaga, mas que será traçada no processo de compreensão da dupla **geleia adversa=adversa geleia**. O que já posso perceber é o quanto trabalhamos de dentro de uma quase implosão de termos disseminados pelos anjos caídos dos 1970. Daí é que se lançam as perguntas sobre os amaldiçoados.... poetas, artistas, músicos-etc.

Um poeta desfolha a bandeira  
E a manhã tropical se inicia  
Resplendente, cadente, fagueira  
Num calor girassol com alegria  
Na geleia geral brasileira  
Que o jornal do Brasil anuncia

“Geleia Geral”, Gilberto Gil e Torquato Neto

Curioso transatravessamento, **geleia adversa** fala de um tipo de “vírus poético” que contamina jovens artistas dos 80, apaixonados pelos rebeldes da contracultura, em seus trânsitos extradisciplinares [o que acompanharia o movimento de figuras que desmentem toda generalização, tais que Georg Baselitz, da Alemanha, então oriental, ou Guinle, pintor//crítico]: um polo de diferença que contradiria o clichê da *volta à pintura*. [Pois é justo durante uma performance do pintor Baselitz no *Beaux-arts* de Paris, no início de 1991, que se revela para mim parte do engano que envolve a Geração 80.]

...os anos 80 foram marcados por um falso antagonismo entre crítica e pintura, nefasto para ambas, anulando o espaço de atuação da crítica, suplantada pelos valores de mercado, e restringindo a pintura ao prazer de pintar.<sup>vi</sup>

**adversa geleia**, em seu duplo giro, acaba por tornar a leitura mais complexa, revelando a gosma que constitui as relações da arte com o poder e o capital – ainda pouco consistente para a geração de HO, e que se podia enfrentar jocosamente, nos tempos de “Papai era surfista profissional, mamãe fazia mapa astral legal”.... Já o humor da famosa ação do grupo *A Moreninha*, interrompendo a palestra de Bonito Oliva numa galeria na

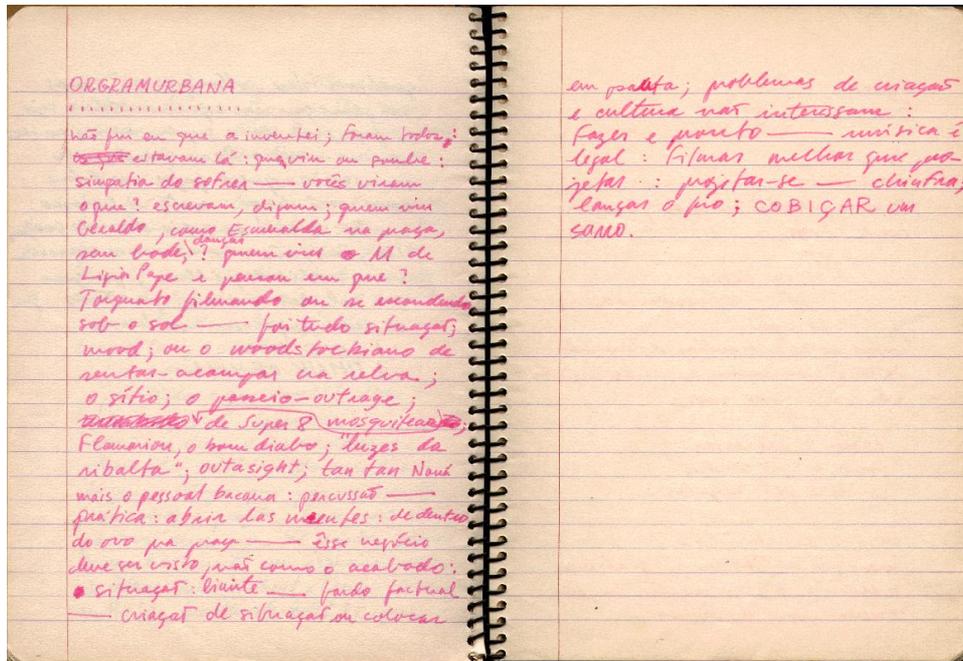
Gávea, em finais dos 80', quase encerra a época.... Mas, uma pergunta repercute por muitos diagramas da história recente, sem resposta:

### o que pode a arte?

[...]É a mesma dança na sala  
No Canecão, na TV  
E quem não dança não fala  
Assiste a tudo e se cala  
Não vê no meio da sala  
As relíquias do Brasil  
Doce mulata malvada  
Um LP de Sinatra  
Maracujá, mês de abril  
Santo barroco baiano  
Super-poder de paisano  
Formiplac e céu de anil  
Três destaques da Portela  
Carne-seca na janela  
Alguém que chora por mim  
Um carnaval de verdade  
Hospitaleira amizade  
Brutalidade, jardim

"Geleia Geral", Gilberto Gil e Torquato Neto

**geleia adversa=adversa geleia** reverberam, entre ritmos mais leves, aquele tracejado em estacato pink sob a instauração pop que é *ORGRAMURBANA* [um Aterro que só consigo imaginar como **exercício experimental da liberdade**, terra de tudo o que extrapola e excede o regime, deslocando o sistema, como o *4 dias e 4 noites*, processo deambulatório de Barrio que se desdobra, no auge de seu percurso progressivo, pelo museu e o parque em torno.... **do saguão ao mar**, lugar/não-lugar hiperativado pelas proposições artísticas mais radicais dos tempos duros...



Hélio Oiticica, caderno, 1970

Mergulho nesses escritos, como se em um “mergulho ao avesso”,<sup>vii</sup> querendo repetir e repetir a dose, buscando a contaminação com essas experiências-limite, entre tantas linhas de fuga: os cadernos de HO e de Barrio, as crônicas de *Geleia Geral* e *Plug: cura=veneno*:

O termo **experiência-limite** surge na escrita de Oiticica como se reverberasse a *Conversa infinita* de Maurice Blanchot,<sup>viii</sup> nomeando provisoriamente, no contexto de uma carta, “um tipo de experiência que se coloca nos limites de um tipo de produção positiva e de negação de produção: q não quer ser obra mas q quer manifestar-se no tempo e no espaço e q por isso mesmo é contradição e limite”.<sup>ix</sup> A fórmula enfatiza um dos aspectos da arte na era da indeterminação, do *propor-propor*<sup>x</sup> – a transgressão, o transbordamento que se traça *infra-mince* nos próprios limites da relação arte/vida: **produção positiva de viver negativo, voilà!**<sup>xi</sup> Em “Exposição? – eu não!”, texto enviado de Nova York para invadir *Geleia Geral*, a 29 de setembro de 1971, o tom heroico-decadente ressoa agora como os latidos de um cão raivoso:

[...]estou no início de algo maior; quem não entender, que se dane; procurem-se informar melhor e respeitar ideias e trabalho feito;

[...]estou vivo, falando: quem não souber o que digo, que se cale e não encha o saco; me esqueça; eu não existo;

[...]não há pressa: quem quiser tomar conhecimento disso e estiver interessado em tomar parte nesse trabalho (de resto, como sempre, de grupo), legal; estamos aí.

**Malditos!** quando o *dasein* coincide com o terror da ditadura e o AI-5, então, ...surpreendentemente, essa profusão de lances libertários, subversivos, atravessa a cidade, modificando o espaço esquadrinhado pelo Estado Assassino.... **cobiçando um sarro:** são proposições que surgem como um excesso, testando todos os limites, excesso quase não-possível: *la part maudite*:

Restam-nos os excessos de *Manifestons!* – o desejo pulsante, maldito!, de abrir/redesenhar/mapear novos territórios marca a plataforma de vídeos criada e gerenciada por Edson Barrus, no mercado mix do youtube. **Malditos!** movem espaços, geram espécies de focos elétricos: “Os pontos aonde foram deixados os sacos (objetos deflagradores) mantinham entre si continuidades elétricas”, diz Artur Barrio em um relato do processo de *Deflagramentos de situações sobre ruas*.<sup>xii</sup> Um desenho só explora suas possibilidades e limites se provoca mudanças, novos ritmos, deslocando aí sim as forças, se chega a **mover espaços**<sup>xiii</sup>..... Aí então, deslocando-se de diferença para diferença, configuram-se essas situações, ou **instaurações situacionais**, como propõe HO em texto tardio, de fevereiro de 1979: **q sejam instaurações situacionais**



Hélio Oiticica, *Mitos Vadios*, São Paulo, 1978

Outro fragmento fundamental para este inventário está na coluna *Plug*: Em 19 de junho de 1971, diz o texto assinado por Luiz Otávio Pimentel, em mais um lance de fuga

via o espaço de Torquato: “era então já a palavra-ação num espaço Mondrianesco [...] ou o pós-conceito de ORGRAMURBANA, onde os projetos se deixam desintegrar na cidade ou do concreto ao manter sobre o aterro água – segurar a palavra ou a água aterrada.” A passagem entrega algo dos trânsitos malditos daquele momento, assim como os escritos de HO [“O q eu faço é música!”] têm o humor do *Velvet Underground*, a empatia de Hendrix, o ritmo e o clima *camp* de Jack Smith e Andy Warhol. “Coisa de viado!”, escreve o cineasta e ativista gay Yann Beauvais, artista a quem também dedico estas malditas linhas... Segundo o pesquisador Beauvais,<sup>xiv</sup> a faculdade do improviso, tão potente no quase-cinema de HO, como em *Agripina é Roma-Manhattan*, marcaria esse foco no banal [uma espécie de banalidade maldita!, que está também em Jonas Mekas, em seus filmes-diário ultralongas, mas seria típica da estética *camp* de Jack Smith ou Warhol:

Pode-se encontrar nos filmes de Hélio tendências similares como a aceitação da improvisação e uma fascinação por detritos. Em seu filme, Hélio utilizou Mario Montez (aka Dolores Flores, aka René Riveira) para atuar como um tributo à figura cult de Jack Smith.

Mario Montez e Antonio Dias estão vagando pelo centro de Nova York, jogando dados, mas não estão realizando nada. De alguma forma a performance é improdutiva, e neste sentido ela se aproxima da estética de Jack Smith.

O convite a Mario Montez pedia por um mundo underground e criaturas que transgredissem as regras do planeta hetero-sexual, produzindo novas relações que gentilmente subvertem questões de gêneros, através de uma mistura de clichês, da jovem personagem feminina que parece uma modelo, uma noiva vermelha e um noivo gigolô, etc.... Se o homo-sexualismo é concebido, será à margem, como se por acaso. Mas de fato, assim como alguns filmes da vanguarda antecessora, mas de uma forma mais distanciada, o filme de Oiticica está lidando com questões de gênero). Tudo no filme é teatral, cheio de artefatos e glamour barato que demonstra o aspecto do *camp*, e autoriza essa interpretação. Nesse filme, podemos dizer que a vida do homo-sexual é insinuada, mas não mostrada abertamente. Isso facilita a vida de muitos críticos que se recusam a falar sobre esse aspecto de Hélio Oiticica, e portanto não farão a conexão entre esse filme com os retratos de rapazes como na série *Neyrótika* (1973); como se alguém não devesse mencionar esse aspecto queen do artista. Esconder esse lado pode ser um programa, mas de forma geral nos mostra as dificuldades de uma sociedade em relação às diferenças, e reflete uma forte homofobia. Tudo isso é muito estranho/esquisito!

E, com mais essa *chamada para a ação*, ficamos mergulhados numa mistura, **melas** de perguntas, um sem-tempo, sem-lugar das instaurações situacionais **Malditxs!**, suas acelerações, potências, seus desdobramentos.

Escreve Basbaum, e propõe:

*duas vozes –  
escolher linhas de repetição*

oh!...  
ah!...  
êxtase & exercício  
geleias adversas geleias  
adversas geleias adversas  
coros re-coros  
preciosas pedras  
+ X *in flux*

Cecilia Cotrim. Rio de Janeiro, junho de 2014

---

<sup>i</sup> “Conversa entre Joseph Beuys e o Hagen Lieberknecht”. Joseph Beuys, 1965. Trad. Pedro Sússekind. In *Escritos de artistas anos 60/70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

<sup>ii</sup> Hélio Oiticica, “Carta a uáli”, Nova York, janeiro de 1974. In Itaú Cultural. *Programa HO*.

<sup>iii</sup> Waly Salomão, *Hélio Oiticica, Qual é o parangolé?* Rio de Janeiro: Rocco, 2003, p. 59.

<sup>iv</sup> Décio Pignatari esclarece, em entrevista a Régis Bonvicino: “A expressão *geleia geral*, que criei e empreguei em 1963, numa discussão com Cassiano Ricardo, ao expulsá-lo da revista *Invenção*, transformou-se num miniprograma crítico-criativo para Torquato, que não só a utilizou na letra famosa dos tempos da Tropicália, como com ela batizou a coluna que manteve no *Última Hora*, do Rio de Janeiro. Seu modo de proceder na montagem/colagem/bricolagem tinha certa orientação, não era errático.” In <http://sibila.com.br/critica/torquato-neto-conversa-entre-decio-pignatari-e-regis-bonvicino/8578>

<sup>v</sup> “Carta a Uáli”, 28 de janeiro de 1974. In Itaú Cultural. *Programa Hélio Oiticica*.

---

<sup>vi</sup> Eduardo Coimbra, Ricardo Basbaum. “Tornando visível a arte contemporânea”. In *manual do artista-etc.* Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial, 2013, p. 26.

<sup>vii</sup> Ver “Dentro d’água”, de Ricardo Basbaum. In *Regist(R)os* [cat.]. Serralves: Museu de Arte Contemporânea, 2000.

<sup>viii</sup> Maurice Blanchot escreve, em *L’Entretien infini*: ‘A experiência-limite é a resposta que encontra o homem quando decide colocar-se radicalmente em questão’, p. 302.

<sup>ix</sup> Ver Hélio Oiticica, ‘Neville meu amor’, carta de 21/07/1973. <http://www.itaucultural.org.br>

<sup>x</sup> Em ‘A obra, seu caráter objetal, o comportamento’, Oiticica anota: ‘O artista não é então o que declancha os tipos acabados, mesmo que altamente universais, mas sim **propõe propor**, o que é mais importante como consequência.’ [grifo meu] In *Aspiro ao grande labirinto*. Rio de Janeiro, Rocco, 1986, p. 120.

<sup>xi</sup> Hélio Oiticica, ‘Neville meu amor’. <http://www.itaucultural.org.br>

<sup>xii</sup> Artur Barrio, *DEFLAGRAMENTO DE SITUAÇÕES SOBRE RUAS*. In *Regist(R)os* [cat.]. Serralves: Museu de Arte Contemporânea, 2000.

<sup>xiii</sup> Ver Ricardo Basbaum, SUR, SUR, SUR, SUR ... COMO DIAGRAMA. In *manual do artista-etc.*, p. 241-249.

<sup>xiv</sup> yann beauvais, “coisas de viado”. Em <http://yannbeauvais.com>